
Fato ou fake? o crescimento das *fake news* nas eleições presidenciais do Brasil em 2018 até os dias de hoje com a Covid19¹.

Dannilo DUARTE²
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

Resumo

O objetivo desse trabalho é analisar e discutir a circulação de fake news nas redes sociais durante a campanha eleitoral para presidente do Brasil, em 2018. Partimos de uma análise qualitativa e empírica a partir da repercussão que o fenômeno das fake news alcançou, principalmente nas véspera da eleição. O nosso corpus de análise se constituiu a partir de reportagens publicadas por sites jornalísticos e agências de notícias sobre a presença e aumento das fake news durante o período eleitoral. Buscamos apresentar também uma breve revisão dos conceitos de desinformação e fake news, a partir da visão de vários autores, tanto do campo da Ciência da Informação quanto do Jornalismo. As análises demonstraram que os veículos jornalísticos sérios cumpre um papel importante no combate a disseminação de notícias falsas, pois detém a credibilidade e o dever ético de praticar o bom jornalismo.

Palavras-chave: desinformação; fake news; redes sociais; política; eleições.

Afinal, o que é fake news?

A disseminação de informações sejam elas factuais, importantes, incompletas ou simplesmente falsas, não é novidade e sempre existiu, especialmente, após o desenvolvimento da imprensa. Em determinados momentos ou contextos históricos se observou um aumento da circulação de informações falsas ou que geravam desconfiança para uma determinada parcela da sociedade.

Para alguns autores, a exemplo de Fallis (2015) o contexto das guerras favorecia ao aparecimento de circulação de informações falsas ou de conteúdos de desinformação de forma proposital. O autor apresenta como referência a *Operation boardguard* durante a Segunda Guerra Mundial, que tinha como objetivo preservar localização dos combatentes no dia D, ou seja, no dia dos ataques e cada país envolvido deixava vaziar uma informação falsa sobre a localização e suas tropas.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor Adjunto do curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

Antes de falarmos de *fake news* ou de notícias falsas, temos uma trajetória de estudos sobre a desinformação, no campo da Ciência da Informação e Biblioteconomia. Segundo Volkoff (2004) e Fallis (2015) os estudos sobre desinformação que tratam sobre informações enganosas ou incompletas possuem duas vertentes. Os autores apresentam o termo *desinformation e misinformation*, apesar dos dois termos se referirem a notícias falsas, há uma diferença, pois o termo *desinformation* trata da disseminação de notícias falsas de forma proposital, intencional, com um objetivo específico. Assim, é preciso entender que desinformação é informação, só que de baixa qualidade, pois desinformação é uma informação enganosa e, portanto, desinformação não é uma informação acidentalmente enganosa (FALLIS, 2015).

A circulação de informação falsa ou duvidosa parece ser algo mais profundo e inerente também a própria condição do ser humano e seus interesses diversos. Segundo Baudrillard (1992, p.39),

Vivemos na reprodução indefinida de ideais, de fantasmas, de imagens, de sonhos que doravante ficaram para trás e que, no entanto, devemos reproduzir numa espécie de indiferença fatal”. Segundo o autor a nossa sociedade é a da proliferação, da reprodução e circulação de informações que não param de crescer e que também parece não poder ser controlada ou medida por seus próprios fins. O excrescente é o que se desenvolve de modo incontrolável, sem respeito pela própria definição, aquilo cujos efeitos multiplicam-se com o desaparecimento das causas. Esse tipo de comportamento social acaba saturando o próprio sistema (BAUDRILLARD, 1992 p. 39).

O Autor complementa dizendo que:

Estamos numa sociedade da proliferação, do que continua a crescer sem poder ser medido por seus próprios fins. O excrescente é o que se desenvolve de modo incontrolável, sem respeito pela própria definição, aquilo cujos efeitos multiplicam-se com o desaparecimento das causas. É o que leva a um prodigioso entupimento dos sistemas, a uma desregularem por hipertonia, por excesso de funcionalidade, por saturação. (BAUDRILLARD, 1992 p. 39)

Trazemos o pensamento de Baudrillard (1992) pois ele já apontava muitos dos problemas que ganharam uma escala exponencial com a produção e circulação de informações especialmente na internet e, mais recentemente, nas redes sociais.

Estamos numa sociedade da proliferação, do que continua a crescer sem poder ser medido por seus próprios fins. O excrescente é o que se desenvolve de modo incontrolável, sem respeito pela própria definição, aquilo cujos efeitos multiplicam-se com o desaparecimento das causas. É o que leva a um prodigioso

entupimento dos sistemas, a uma desregularem por hipertonia, por excesso de funcionalidade, por saturação. (BAUDRILLARD, 1992 p. 39)

Quem corrobora com essa mesma linha de pensamento e dentro do contexto do ciberespaço e das redes é Pollyana Ferrari (2017) ao afirmar que:

Em primeiro lugar, nota-se a ampliação das formas de conexão entre indivíduos e, entre indivíduos e grupos. Esse aspecto proporciona a horizontalidade da comunicação e, portanto, a ruptura com o aspecto característico dos meios de comunicação tradicionais que se organizavam a partir da relação entre um emissor e muitos receptores. Nesse sentido, a internet proporciona, em primeiro lugar, a multiplicidade e heterogeneidade das conexões. Cada ponto da rede pode realizar conexões infinitas com múltiplos pontos descentralizados, um rizoma geolocalizável de ocupação de espaços, que estão em constante movimento, pois vivemos um presente “tagueado”, ou seja, um tempo que pode ser resgatado a qualquer minuto por bancos de dados, mas que não se torna desejado, pois a presentificação se impõe sobre a memória. Como o vivenciar é líquido e, no minuto seguinte, estamos vivenciando outra postagem, o tempo necessário para o cérebro verificar a veracidade do fato narrado fica prejudicado, pois na maioria das vezes, só para citar um exemplo, os consumidores compartilham a informação apenas pelo título, sem dar o trabalho de ler o texto completo ou mesmo verificar a fonte de informação (FERRARI, 2017, p.6)

Esse mesmo pensamento aponta para essa produção e compartilhamento incessante de informação ou desinformação, que nunca para e que é impossível de ser controlada ou mesmo ser refletida e checada.

Em um artigo intitulado O que é falso sobre fake news, Otávio Frias Filho (2018) argumenta que “a novidade não está nas fake news em si, mas na aparição de um instrumento capaz de reproduzi-las e disseminá-las com amplitude e velocidade inauditas” (FRIAS FILHO, 2018, p.42). Ao se referir a internet como a responsável por essa amplitude e velocidade o autor relembra também que “ainda aqui o ineditismo é relativo, pois algo parecido pode ser dito sobre o advento da imprensa de tipos móveis” (p.42). Para ilustrar a sua afirmação apresenta o historiador Robert Darton, ao escrever sobre o fervilhante ambiente panfletário das publicações impressas do século XVIII, em que ele mostrou “como era infestado de falsidades, plágios, imposturas e calúnias – de fake news, enfim –, cujos autores ficavam protegidos sob anonimato ou por pseudônimos” (FRIAS Filho, 2018, p.42).

O autor esclarece que assim como hoje, era comum que os responsáveis por tais abusos escapassem a qualquer punição por estarem fora das fronteiras em que seus escritos haviam sido incriminados (FRIAS, p.42). Temos hoje uma prática comum

observada com as informações publicadas e difundidas na internet ou redes sociais, pois ainda é comum o entendimento de que a internet é terra de ninguém, o que favorece esse tipo de prática criminosa. Outro fator que fortalece as fake news é a dificuldade de comprovar os autores dessas notícias falsas.

Para Frias Filho (2018) um segundo aspecto merece ser clarificado, que é a necessidade de especificar o que se entende por fake news. Dessa forma, o pensamento do autor, apresenta uma nova roupagem, que faz mais sentido ainda em tempos de acirramento político e conflitos de interesses, pois:

O termo vem sendo utilizado para efeitos de esgrima retórica, ou seja, para desqualificar versões diferentes daquela abraçada por quem o emprega. Nesse sentido mais permissivo, fake news passam a ser tudo aquilo que me desagrade, não apenas fatos que contemplo de maneira diferente da exposta, mas interpretações das quais discordo com veemência e opiniões que me parecem abomináveis. O que é fake news para um fanático é verdade cristalina para o fanático da seita oposta. (FRIAS, 2018, p.42)

Diante da polarização política que vivenciamos no contexto da pandemia da Covid19 e do volume de informações e desinformações em circulação, podemos perceber claramente essa distorção do termo fake news, especialmente, por militantes políticos de muitas bandeiras. Portanto, Frias Filho chama atenção para esse alargamento do termo e aponta para uma outra questão que é a falsa justificativa da liberdade de expressão:

Um entendimento assim permissivo poria em risco o próprio cerne da liberdade de expressão, que consiste afinal na tolerância para com a livre circulação de noções detestáveis, versões distorcidas, enfoques parciais, sentimentos odiosos – seja porque nos parecem assim, seja porque o são de fato. Thomas Jefferson escreveu que o preço a pagar pelos benefícios da liberdade de imprensa é ter de tolerar a existência de maus jornais. De todas as liberdades, faz sentido que seja aquela que comporta menos restrições, por ao menos dois motivos. (FRIAS, 2018, p.43)

Assim, para Frias Filho (2018) o termo fake news deveria ser compreendido como toda informação que, sendo de modo comprovável falsa, seja capaz de prejudicar terceiros e tenha sido forjada e/ou posta em circulação por negligência ou má-fé, neste caso, com vistas ao lucro fácil ou à manipulação política. Diante da gravidade da circulação das fake news, para o autor “é prudente, tudo indica, isolar a prática, diferenciando-a da mera expressão de pontos de vista falsos ou errôneos, assim como do entrechoque de visões extremadas (FRIAS FILHO, 2018, p. 43). Portanto, é preciso segundo o autor, discernir

entre a divulgação ocasional de notícias falsas e sua emissão reiterada, sistemática, a fim de configurar a má-fé (p.43)

O autor apresenta ainda um terceiro aspecto, que é a “facilidade com que se aceita que ao duopólio que hoje controla a internet – Google e Facebook – seja delegada a tarefa delicada de selecionar e censurar fake news” (p.43). Segundo o autor, não é papel dessas organizações ter o compromisso ou interesse de sustentar a liberdade de expressão, nem sequer a expertise necessária para discernir entre jornalismo de qualidade melhor ou pior (FRIAS FILHO, 2018). Dessa forma, aponta que o possível seria:

O que faria sentido exigir seria que o duopólio fosse compelido a adotar uma verdadeira política de transparência que permitisse ao menos alguma supervisão sobre suas atividades, hoje inexistente. E que a Justiça fosse dotada de mecanismos mais ágeis que possibilitassem punir os responsáveis pela divulgação mal-intencionada de noticiário inverídico e monitorar as exclusões determinadas pelas próprias empresas digitais. Um longo trajeto a percorrer, como se pode deduzir. (FRIAS FILHO, 2018, p.43)

Por fim, o autor sustenta que a “imprensa profissional, que adota critérios rigorosos para apurar e publicar notícias, continua sendo o farol a iluminar as fronteiras, sempre fluidas, entre o falso e o verdadeiro” (FRIAS FILHO, 2018, p.44). Ao mesmo tempo, relativiza que a maioria das pessoas ainda tem pouco acesso a esse tipo de jornalismo (seja por questões econômicas, acesso à internet) e que nem sempre se mostra capaz de distingui-lo de outras fontes suspeitas ou simplesmente mentirosas. E que de fato, o melhor caminho para o enfrentamento contra as fake news, continua sendo a educação básica de qualidade, apta a estimular o discernimento na escolha das leituras e um saudável ceticismo na forma de absorvê-las (FRIAS FILHO, p.44).

Diante do exposto, temos mais claramente o entendimento do que entendemos como *fake news*, para designar informações falsas que são produzidas de forma intencional e reiterada, que circulam, principalmente, na internet e redes sociais e que se apresentam como notícias.

Fake news e eleições presidenciais no Brasil

As duas últimas campanhas eleitorais para a presidência do Brasil foram marcadas por uma grande circulação de informações incompleta, falsas, boatos e fake news. Iremos

priorizar uma análise de notícias que revelaram a presença de notícias falsas na eleição presidencial de 2018, para delimitar melhor o nosso *corpus* de interesse.

Para melhor contextualizar o fenômeno das fake news no campo político, voltaremos ao ano de 2014. A reeleição da candidata Dilma Rousseff em 2014 experimentou, digamos, a primeira onda de fake news ao longo da campanha. Esse movimento ganhou força principalmente com a utilização de perfis falsos, utilizando robôs, nas redes sociais para disseminarem notícias sobre os candidatos. Isso se comprovou em reportagem publicada pelo G1 no dia 25 de março de 2018, e exibida pelo Fantástico, intitulada “Robôs foram usados em campanhas nas eleições de 2014, revela estudo: perfis falsos programados para fazer publicações espalharam mensagens das campanhas de Dilma, Aécio e Marina, mostra levantamento da FGV”. Essa prática esteve presente também nas eleições presidenciais norte-americanas em 2016, dando uma contestada vitória ao candidato Donald Trump.

No caso do Brasil, tivemos uma segunda onda crescente de circulação de notícias falsas, sobretudo, a partir das campanhas presidenciais de 2018, com as candidaturas de Fernando Haddad e Jair Bolsonaro. As redes sociais Twitter, Facebook e Whatsapp se tornaram os epicentros de circulação de informações falsas. Segue trecho da reportagem do portal G1:

"Se você pensar numa eleição disputada no limitezinho, no final dela, com dois candidatos muito próximos, se você conseguir uma distorção de 2%, 3%, isso pode significar a vitória de um em detrimento de outro. E isso muda muita coisa", afirma Marco Aurélio Ruediger, diretor de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Há um mês, o Fantástico mostrou como notícias falsas se espalham pela internet e como robôs, impulsionando "fake news", se transformaram em arma política. (Portal G1³)

No caso das eleições presidenciais de 2014, o destaque ficou pelo uso de perfis falsos nas redes sociais para disparem notícias falsas ou comentários. Essa prática se repetiu nas eleições de 2018, só que com um volume maior de circulação de fake news, como demonstraremos mais à frente.

³ Acessado em 12/08/2021 em <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2018/03/candidatos-postaram-usando-robos-nas-eleicoes-revela-estudo-da-fgv.html>

Vários veículos jornalísticos nacionais e internacionais destacaram em suas reportagens o crescimento da circulação de fake news durante o período eleitoral para presidente, em 2018. Se registra um aumento da circulação de notícias falsas nas vésperas da votação do primeiro turno, como destaca a Agência Brasil, em reportagem publicada no dia 06 de outubro, pelo repórter Jonas Valente.



Publicado em 06/10/2018 - 16:53 Por Jonas Valente – Repórter Agência Brasil - Brasília⁴

No corpo da reportagem destacamos os seguintes trechos:

Na véspera da votação do primeiro turno das eleições, as chamadas notícias falsas inundam redes sociais. Vídeos editados, imagens com o dia errado de votação, fotos com candidatos com estampas de camisa alterada, áudios simulando vozes de candidatos para sugerir determinadas reações a pesquisas. No vale-tudo das eleições, **conteúdos enganosos** têm se proliferado na web.

Os exemplos são vários. No dia 4 de outubro, a agência de checagem de fatos **Aos Fatos** divulgou texto explicando que não foi Fernando Haddad o ministro responsável pela distribuição de um livro no qual um dos textos tratava de incesto. A acusação foi disseminada por redes sociais. A agência também desmentiu a afirmação do deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) no dia 30 de setembro de que o ato em apoio a Jair Bolsonaro (PSL) teria reunido 1 milhão de pessoas na Avenida Paulista, em São Paulo.

No dia 21 de setembro, o projeto **Estadão Verifica** desmentiu áudio atribuído a Jair Bolsonaro (PSL) em que uma pessoa com voz semelhante à dele simulava o político reclamando de uma pesquisa no hospital onde estava em recuperação e xingando enfermeiras. No dia 29, a **Agência Lupa** desmentiu capas falsas das revistas *Época*, *Veja* e *Exame* nas quais

⁴ Acessado em 11 de agosto de 2021 em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2018-10/candidatos-acionam-justica-para-retirar-conteudo-negativo-da-internet>

um representante da Organização dos Estados Americanos (OEA) admitia negociações para fraudar urnas eletrônicas.

A coligação Brasil Feliz de Novo, encabeçada por Fernando Haddad, anunciou ontem (4), a entrega de 92 páginas de denúncias de conteúdos falsos ao TSE. As mensagens foram recebidas por eleitores por meio de um canal aberto na plataforma WhatsApp. Na petição, a coordenação jurídica da campanha solicita a remoção dos conteúdos em perfis e páginas do Facebook e do Twitter e divulgação de um direito de resposta aos usuários atingidos pelas postagens. [...]

Na opinião do diretor da ONG SaferNet e integrante do Conselho Consultivo do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para *fake news*, Tiago Tavares, essa eleição tem sido marcada por uma avalanche de desinformação produzida em “escala industrial” para confundir o eleitor e prejudicar candidaturas. Na avaliação de Tiago, em que pese a Justiça eleitoral ter um caráter reativo (de agir a partir de ações e denúncias) poderia haver uma punição mais efetiva nos centros de produção e disseminação de conteúdos enganosos.

“Preocupa o fato de a poucos dias das eleições a gente não ter nenhum anúncio em relação sobretudo a que tipo de punição pode ter a agências de comunicação usadas como verdadeiras fábricas de conteúdo fraudulento que estão sendo impulsionado por fazendas de robôs e chips de celulares”, afirmou. [...]

A reportagem é extensa e detalha a dificuldade para combater as fake news e também expressa a dificuldade de estabelecer algum tipo de punição para os envolvidos, como supracitado.

Vários portais e sites de notícias nacionais e internacionais destacaram a presença das fake news durante o processo eleitoral para Presidente do Brasil em 2018. Abaixo destacamos alguns desses veículos e suas páginas, como o jornal espanhol El País.



Reportagem publicada em 19 de outubro de 2018⁵.

Trechos da reportagem de Almudena Barragán destacam o aumento da circulação de notícias falsas, especialmente, contra os adversários de Jair Bolsonaro. Segue:

O candidato de extrema direita [Jair Bolsonaro](#) (PSL) aparece nas pesquisas como o favorito para vencer o segundo turno da eleição presidencial, no dia 28, com mais de 50% das intenções de votos totais.

Sob seus pés, uma bem [azeitada máquina de propaganda](#) eleitoral, já descrita pelo EL PAÍS, trabalha a toque de caixa para difundir informação fabricada contra seu adversário no segundo turno, [Fernando Haddad](#) (PT), e seu mentor político, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

À medida que a campanha foi chegando à sua reta final, os boatos nas redes sociais em favor de Bolsonaro cresceram, [especialmente no WhatsApp](#), como conta Tai Nalon, diretora da plataforma de checagem [Aos Fatos](#), em entrevista ao EL PAÍS. Esse grupo de sete jornalistas, distribuídos entre Rio e São Paulo, verifica diariamente o discurso de políticos e das redes sociais. Analisam memes, panfletos, vídeos e qualquer [conteúdo potencialmente falso](#).

“Vimos a desinformação contra os adversários de Bolsonaro aumentar, em geral em torno de duas temáticas: colocar em dúvida, com teorias conspiratórias, a segurança do voto eletrônico no Brasil, e uma constante relação dos outros candidatos com pautas das minorias, como [a agenda LGBT](#) e o direito ao aborto”, diz Nalon numa troca de mensagens. [...]

A repercussão das fake news nas eleições presidenciais do Brasil chamaram a atenção do mundo, como destaca o site da BBC Internacional, que mostra que o Brasil se dividiu com a polarização dos partidos e também se dividiu nas redes sociais com a circulação e notícias falsas.



Reportagem de Juliana Gragnani, da BBC News Brasil em Londres, de 5 outubro 2018⁶.

⁵ Acessado no dia 11 de agosto de 2021, em https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/actualidad/1539847547_146583.html

⁶ Acessado em 11 de agosto de 2021 em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45666742>.

Nessa reportagem da BBC, a repórter teve como objetivo entender a lógica de distribuição do conteúdo político que chega a milhões de pessoas diariamente pelo WhatsApp, principalmente no período eleitoral. Ela apresenta quais foram os passos para conseguir mapear a origem e circulação das notícias e relata:

“Em uma semana, vi:

- Muita desinformação, como imagens no contexto errado, áudios com teorias conspiratórias, fotos manipuladas, pesquisas falsas
- Ataques à imprensa tradicional, como capas falsas de revistas e falsa "checagem" de notícias que, de fato, eram verdadeiras
- Imagens que fomentam o ódio a LGBTs e ao feminismo
- Uma "guerra cultural" organizada, com ataques sistematizados a artistas em redes sociais
- Áudios e vídeos de gente comum ou de gente que se passa por gente comum, mas com identidade desconhecida, dando motivos para votar em um candidato. (Trecho extraído da reportagem de Juliana Gragnani, da BBC News Brasil em Londres, de 5 outubro 2018).

Os dados das reportagens acima demonstram como as fake news ganharam terreno no Brasil e como esse segundo momento das eleições presidenciais de 2018 se assemelharam as mesmas estratégias utilizadas nas eleições norte-americanas, por Donald Trump. Segundo Canavilhas e Ferrari (2018), no século XXI as redes sociais e a computação móvel ubíqua transformaram radicalmente o processo de produção de notícias, originando o aparecimento em larga escala de fenômenos como a circulação de notícias falsas. Assim, a propagação de mentiras, agora batizada de pós verdade, não é uma novidade, “mas depois da campanha eleitoral para presidente nos Estados Unidos e no Brexit, percebeu-se a força das chamadas *fake news* num ecossistema em que as redes sociais e os dispositivos móveis ganharam lugar de destaque” (p.32).

Nesse contexto os jornais passaram a dar mais importância para a verificação da informação como uma forma de se distinguirem das mídias emergentes, buscando o caminho da credibilidade da informação para fidelizar o leitor.

O movimento de fact-checking passou a ser crescente e necessário com o grande volume de informações falsas em circulação. Segundo Canavilhas e Ferrari (2018) esse movimento se deu na Inglaterra e na Alemanha com a criação de comissões para investigar e impedir a publicação de notícias falsas e boatos. No Brasil tivemos também

a criação da agência Lupa, como um trabalho exclusivo de checagem de informação e seus níveis de veracidade. Outros grupos midiáticos seguiram com esse esforço, como o grupo Folha, Globo e Estadão.

Para Delmazo e Valente (2018, p.157.) “[...]o foco é colocado na circulação porque conteúdos falsos e desinformação tornam-se Fake News em virtude do alcance”. Como vimos nas reportagens, a disseminação de notícias falsas teve um impacto significativo no resultado das eleições. As redes sociais trouxeram facilidades para esse aumento de circulação de informações, sejam elas verdadeiras ou falsas.

Segundo uma pesquisa realizada pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), as notícias falsas ou fake news são mais compartilhadas do que as notícias verdadeiras. Fator que trás muita preocupação para as instituições governamentais e para os veículos de comunicação. Além disso, segundo os pesquisadores se estima que uma mensagem falsa tem 70% mais chances de ser retransmitida do que uma verdadeira. As principais mensagens falsas analisadas chegaram a ser disseminadas com profundidade oito vezes maior do que as verdadeiras. Essa pesquisa ganhou repercussão e foi divulgada em diversos sites de notícias e agências, como divulgado pela agência Brasil em reportagem publicada no dia 10 de março de 2018, intitulada “Pesquisa: notícias falsas circulam 70% mais do que as verdadeiras na internet”. Abaixo segue trechos da reportagem.

Notícias consideradas falsas se espalham mais facilmente na internet do que textos verdadeiros. A conclusão foi de um estudo realizado pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT, na sigla em inglês), instituição de ensino reconhecida mundialmente pela qualidade de cursos de ciências exatas e de áreas vinculadas à tecnologia

Os pesquisadores Soroush Vosoughi, Deb Roy e Sinan Aral analisaram 126 mil mensagens (não apenas notícias jornalísticas) divulgadas na rede social Twitter entre 2006 e 2017. No total, 3 milhões de pessoas publicaram ou compartilharam essas histórias 4,5 milhões de vezes. O caráter verdadeiro ou falso dos conteúdos foi definido a partir de análises realizadas por seis instituições profissionais de checagem de fatos.⁷

Percebemos que estamos longe de um modelo de comunicação/informação capaz de conter a disseminação das notícias falsas. A internet e as redes sociais foram capazes de dar voz a milhões de pessoas e grupos sociais periféricos ou marginalizados, contudo, tivemos também

⁷ Acessado em 12/08/21 em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/pesquisa-e-inovacao/noticia/2018-03/pesquisa-noticias-falsas-circulam-70-mais-do-que-verdadeiras-na>

um aumento exponencial da circulação de conteúdos de baixa qualidade, com desinformação ou fake news.

Atualmente o Brasil convive com uma terceira onda de fake news, relacionada com a pandemia da Covid19 e com as notícias falsas sobre a vacinação. Mais uma vez, temos um fator em comum que é o entrelaçamento com a polarização política no país e a proximidade com as eleições presidenciais de 2022. Quem nunca recebeu uma fake news em suas redes sociais sobre a Covid19 ou sobre possíveis reações da vacina? Basta uma busca nos principais sites jornalísticos do país para nos depararmos com reportagens que desmentem uma enxurrada de notícias falsas sobre a doença ou sobre a vacinação.

Considerações finais

Como vimos, o processo de produção de conteúdos e de notícias cresceu exponencialmente com o desenvolvimento das tecnologias digitais e, principalmente, com o advento da internet no final do século XX e início do século XXI. Paralelamente a esse crescimento, tivemos uma produção crescente da desinformação, por meio das notícias falsas, divulgadas de forma intencional, cunhando o termo fake news. Percebemos que em determinados momentos históricos, especialmente nos momentos políticos como as eleições, se constatou um aumento de disseminação de informações e notícias falsas, a exemplo das eleições para presidente nos Estados Unidos e no Brasil em 2018.

Tecnologias alteram o processo de produção e circulação de informações. As redes sociais, especificamente, Facebook, Twitter e Whatsapp, contribuem de forma significativa para a circulação e propagação de informações e conteúdos, mas ao mesmo tempo um aumento de circulação de informações de baixa qualidade gerando desinformação por meio das fake news.

A imprensa profissional e os grandes veículos de jornalismo possuem um papel fundamental no processo de checagem e autenticação das notícias e na produção de informação de qualidade, pois tendem a ter maior credibilidade junto ao seu público.

Referências bibliográficas

BAUDRILLARD, J.; ABREU, E. S. **A transparência do mal**: ensaio sobre os fenômenos extremos. 2.ed. Campinas: Papirus, 1992. 183p.

-
- CANAVILHAS, J.; FERRARI, P. Fact-checking: o jornalismo regressa às origens. (in) **Jornalismo em tempo de transformação: desafios de produção e de ação** / organizado por Dulcília Schroeder Buitoni. – Porto Alegre: Sulina, 2018. 190 p.
- DELMAZO, C; VALENTE, J. C. L. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. **Media & Jornalismo**, [S.l.], v. 18, n. 32, p. 155-169, maio 2018. Disponível em: . Acesso em: 01 jul. 2018.
- FERRARI, P. **Fake news, pós-verdade e o consumo de informações**. In: XXVI ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 26., 2017, São Paulo. Anais... São Paulo: Faculdade Cásper Líbero; 2017. Disponível em: Acesso em: 30 jul. 2018.
- FRIAS FILHO, O. **O que é falso sobre fake news**. Revista USP • São Paulo • n. 116 • p. 39-44 • janeiro/fevereiro/março 2018
- FALLIS, D. **What is disinformation**. Library Trends, v.63, n.3, 2015.
- FALLIS, Don. **O que é desinformação?** Library Trends, Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/579342>. Acesso em 17 set. 2018.
- LUPA. [Página principal]. Rio de Janeiro, 2017. Não paginado. Disponível em: . Acesso em: 17 out. 2018
- VOLKOFF, V. **Pequena história da desinformação: do cavalo de Tróia à internet**. Curitiba, Ed. Vila do Príncipe, 2004.
- ZATTAR, M. **Competência em informação e desinformação: critérios de avaliação do conteúdo das fontes de informação**. Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v.13, n.2, p. 285-293, nov. 2017. Disponível em: Acesso em: 30 jun. 2018